

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

9 de Julho de 2021

O CENTENÁRIO DE EDGAR MORIN

## EDGAR MORIN, CHRONIQUE D'UN REGARD / 2014

*Um filme de Cécile Gailleurd e Olivier Bohler*

*Imagem (digital HD, cor): Denis Gaubert / Montagem: Aurélien Manyà / Som: Jean-Luc Peart (gravação), Jocelyn Robert (montagem), Jérôme Isnard (misturas) / Leitura em voz off de trechos de Morin: Mathieu Amalric / Com a presença de: Edgar Morin*

*Produção: Gérald Colas e Raphael Millet para Nocturnes Productions / Cópia: digital (suporte original), versão original com legendas eletrónicas em português / Duração: 81 minutos / Estreia mundial: 11 de Abril de 2014 / Inédito comercialmente em Portugal / Primeira apresentação na Cinemateca.*

**São incluídos trechos de diversos filmes, cujos títulos são discriminados no genérico de fim.**

\*\*\*\*\*

*Era preciso que um grande poeta nos lembrasse  
que somos ao mesmo tempo o arqueiro, a flecha e o alvo.*

Octavio Paz

Em princípio, o autor de um documentário deveria conhecer bem o tema que aborda antes de o filmar, mas infelizmente isto está muito longe de ser o caso. Em demasiados documentários é evidente que o conhecimento que o realizador tem daquilo que filma é recente, superficial e oportunista, com o agravante de que ao desconhecimento dos factos acrescenta-se um tom pontificante e supostamente revelador. **Edgar Morin, Chronique d'un Regard** situa-se exatamente na polaridade oposta a este imediatismo descritivo, pois é evidente que Cécile Gailleurd e Olivier Bohler conheciam bem a obra desta figura independente, dotada de pensamento próprio que é Morin, um brilhante analista que jamais foi prisioneiro de uma grelha de pensamento e, embora célebre, escapou às armadilhas e à escravidão do vedetismo em que se enredaram outros ilustres intelectuais franceses da sua geração, que acabaram por ser considerados como mais importantes do que aquilo que escreviam e diziam. Este conhecimento da obra de Morin pelos autores do filme reflete-se na estrutura do mesmo, que recusa o esquema televisivo, que consiste em mostrar de modo fragmentário uma série de entrevistas, das quais emerge supostamente uma síntese neutra e honesta, que nunca ultrapassa o nível de um beabá, pois nada é desenvolvido e o espectador é puxado por uma trela. Também estamos longe do aspecto *big brother* de muitos documentários atuais, nos quais a câmara se imiscui na intimidade física das pessoas, num *voyeurismo* que nada tem a ver com a atividade ou o pensamento delas.

Nesta *crónica de um olhar*, que aborda unicamente a relação de Morin com o cinema, ninguém vem “explicar” ao espectador quem é Morin nem no que consiste o seu pensamento. A única palavra presente é a do próprio Morin, a dois níveis: oral, palavra fluida e transitória, com a qual ele narra episódios da sua vida e evoca etapas do seu pensamento; e escrito, palavra fixa e fixada nos livros, dos quais alguns trechos são lidos em *off* por Mathieu Amalric, com magnífica sobriedade. Morin escreve com fluidez e clareza, é inimigo do pedantismo e nunca é deliberadamente obscuro para parecer profundo. Ao invés de manietar o seu leitor, ele expande o seu olhar, alarga os seus horizontes. Morin jamais subjugou o cinema a outras disciplinas, algemando o seu pensamento a uma grelha de análise, embora em França o mundo universitário tenha começado a se apossar do cinema na segunda metade dos anos 40, quando ele era

um jovem de cerca de vinte e cinco anos, através da *Revue de Filmologie* editada na Sorbonne pelo Instituto de Filmologia, que abordava o cinema através do prisma da linguística (o neologismo *filmologia* denota a vontade de elevar o cinema ao nível de uma matéria digna de ser analisada por doutos filósofos). O próprio Morin colaborou nesta revista, mas os dois clássicos que escreveu sobre o cinema - *Le Cinéma et l'Homme Imaginaire* e *Les Stars*, de 1956 e 1957, o primeiro abordando o cinema de um ponto de vista da percepção, o segundo construído sobre a relação afetiva do espectador com o que vê, ambos encarando o cinema como uma mediação entre o homem e o mundo - têm uma liberdade de pensamento e de expressão, uma capacidade de imaginação que são pura e simplesmente impossíveis num contexto académico. Os textos de Morin sobre cinema não são jamais áridos, são extremamente bem escritos e não desprovidos de um certo lirismo, palavra que alguns lhes aplicaram com intenção pejorativa ou condescendente. O cinema moldou o imaginário e os impulsos afetivos do homem do século XX e Morin menciona nesta **Chronique d'un Regard** o impacto que teve sobre ele, aos 13 anos, **Putyokva v jin**/"O Caminho da Vida", de Nikolai Ekk. Em *Les Stars*, destinado a uma coleção para o grande público, ele aborda o fenómeno de identificação e idolatria do espectador em relação às vedetas com uma compreensão e uma falta de sobrançeria a que jamais se "rebaixariam" os praticantes da filmologia.

Gailleurd e Bohler cotejam e sobrepõem o passado e o presente do nonagenário Morin, tanto a nível biográfico (o seu passeio por Berlim) quanto no que refere a sua relação com o cinema. Numa ideia simples e brilhante, vemo-lo percorrer o vasto espaço do Museu de Cinema e Televisão de Berlim, de modo semelhante a um homem que andasse pelo campo e contemplasse o céu, pequena figura humana cercada por uma constelação de imagens fixas e em movimento, que ecoam e evocam aquilo que ele escreveu sobre o cinema. Depois de trazer ao espectador as ideias de Morin sobre o cinema, que são magníficas considerações generalizantes, o par de realizadores chega ao caso específico da sua colaboração mais importante na realização de um filme (o argumento que escreveu para **L'Heure de Vérité** de Henri Calef tem algo do filme à *thèse*), **Chronique d'un Été**, clássico do que então se chamava o *cinema-verdade*, co-assinado por ele e Jean Rouch. A transição entre as duas partes é feita por uma visita ao Museu do Quai Branly, para onde foram transportadas as magníficas coleções do Museu do Homem, onde foi filmado parte daquele clássico de 1960 e também este trecho sobrepõe passado e presente, pois vemos as mesmas máscaras e esculturas noutro cenário, quarenta e quatro anos depois. Nesta segunda parte do filme, acertadamente mais breve do que a primeira, as lembranças de Morin são sobrepostas a imagens de **Chronique d'un Été** (a caminhada solitária de Marceline Loridan pela Place de la Concorde, que talvez seja ao mesmo tempo o ponto central e o ponto culminante do filme) e a preciosas imagens e sons que não foram guardados na montagem final e descortinam parte dos bastidores e do trabalho de preparação. A conclusão não é solene, é quase abrupta, o que convém a um homem modesto, desprovido de cabotinismo e de desencanto, apesar da sua avançada idade. O espectador, no entanto, por mais que aprecie o filme, não poderá deixar de sentir algum trau de desencanto, pois esta crónica de um olhar aborda algo que de certa forma não existe mais e não pode mais ser visto como o viu Edgar Morin há sessenta anos: o *cinema*.

Antonio Rodrigues